

O fim do mundo começou no mar: os ataques do Submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942*¹

Dilton Cândido Santos Maynard

Doutor em História pela UFPE. Pós-Doutor em História pela UFRJ. Professor do Departamento e do Mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe. Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/UFRJ. Líder do Grupo de Estudos do Tempo Presente. dilton@getempo.org.

Raquel Anne Lima de Assis

Graduanda em História – Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de iniciação científica Fapitec. Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente. raquel@getempo.org.

RESUMO

Neste trabalho analisamos como se deram os ataques do submarino alemão U-507 no litoral brasileiro, nas proximidades de Sergipe e Bahia, no mês de agosto de 1942. Entre a documentação utilizada, privilegiamos os relatórios produzidos pelas autoridades locais para o episódio dos torpedeamentos, além de jornais, livros de memórias, depoimentos em vídeos e processos-crimes. O texto evidencia a carência de interpretações sobre o assunto, colocando em destaque as poucas informações sobre os destinos dos naufragos e os saques realizados aos pertences das vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra, Torpedeamentos, Brasil

ABSTRACT

In this article we will analyze some aspects on attacks from German submarine U-507 around the Brazilian coast, in august 1942, near Bahia and Sergipe. Among the documents used the researchers favored official reports about submarine attacks, newspapers, memoirs, testimonials and videos-documentaries. The text highlights the scarcity of interpretations about the issue and presents some information about the destinations of the castaways and looting to the victims' belongings.

KEYWORDS: word war II, Brazil, Submarine attack

O FIM DO MUNDO

Noite de sábado, 16 de agosto de 1942, águas de Sergipe, Brasil. Pouco depois do jantar, os tripulantes e passageiros do navio mercante *Baependy* sentiram o impacto e o estrondo provocado pelo ataque do submarino alemão U-507. Pego de surpresa em pleno tombadilho, o Comandante João Soares da Silva perguntou ao seu Chefe de Máquinas: "Chefe, que foi isso?" Antes mesmo que Adolfo Artur Kern conseguisse responder com mais clareza, o segundo impacto e o forte cheiro de pólvora confirmavam o torpedeamento. O choque arrebatou os tanques de combustível e o fogo rapidamente se espalhou, chegando ao mastro da embarcação. Na parte destinada aos passageiros da terceira classe, as camas-beliches

* Artigo recebido em 3 de maio de 2013 e aprovado para publicação em 17 de maio de 2013.



caíram e os soldados e civis que viajavam ali logo se viram com água pela cintura².

Atingido por estilhaços da segunda explosão, o Comandante Silva ainda conseguiu ele mesmo fazer soar o alarme. O *Baependy* só deixou de apitar quando foi completamente tomado pelo mar: “O marinheiro, também sobrevivente, que estava de serviço no leme, viu-o agarrar no apito para dar o sinal de alarma. Notou que o comandante estava coberto de sangue”³. Em pouquíssimo tempo, o navio de fabricação alemã, que um dia fora chamado *Tijuca*, adernou a boreste e submergiu na escuridão da noite.

Perto dali o jovem *Korvettenkapitän* (Capitão-de-Corveta) Harro Schacht, de 35 anos, em ascensão na *Kriegsmarine*, acompanhava o ataque que acabara de realizar e impunha à ofensiva noturna certa diferença, ao disparar não somente um, mas dois torpedos, em curto intervalo de tempo. Deste modo, Schacht reduzia consideravelmente as chances dos embarcados de sobreviverem. O mais comum era o recurso a apenas um torpedo, sendo permitidos os usos de barcos salva-vidas pelas embarcações atingidas. Provavelmente Schacht tentava cumprir as disposições da *Tonnagekrieg*, guerra de tonelagem, promovendo o maior prejuízo possível aos inimigos em suas tentativas de levar pelos oceanos matérias-primas, armamentos e alimentos⁴.

Conforme as ordens do Almirante Karl Doenitz, o U-507, submarino Classe VII, um dos diversos *Unterseeboote* alemães em missões pelo Atlântico, naquele momento em sua terceira patrulha sob o comando de Schacht, recebeu ordens em 7 de agosto para “manobras livres” na costa brasileira. Era o sinal para atacar. Partindo de Lorient, em 4 de julho, o U-507 já fizera outras vítimas em suas incursões anteriores. Ao menos dez embarcações foram vítimas de Schacht e sua tripulação desde abril de 1942. Na noite do dia 16 de agosto foram atingidos o *Baependy* e o *Araraquara*. Outro navio, o *Aníbal Benévolo*, estava a cerca de 7 milhas das praias sergipanas quando foi atacado. Sob o comando de Henrique Mascarenhas da Silveira, o navio sentiu a agressão por volta das quatro horas da manhã

do dia 16. O imediato acionou a sireia de alarme, enquanto o comandante tentou, em vão, colocar as baleeiras na água. O navio afundou em dois minutos. No dia 17, domingo, torpedearam o *Arará*, que havia se lançado no trabalho de resgate dos náufragos do *Itagiba*, o primeiro a afundar naquela manhã⁵. As vítimas foram tragadas pelas águas e os sobreviventes levaram tempo para alcançar terra firme. Nos casos dos náufragos do *Baependy*, do *Aníbal Benévolo* e do *Araraquara*, alguns chegaram à Praia do Saco, em Estância, região Sul de Sergipe. Outros corpos foram parar nas proximidades da Praia de Atalaia, em Aracaju.

Lançados ao mar, no meio da noite, passageiros e tripulantes tiveram poucas opções de sobrevivência, haja vista que a maior parte das baleeiras não teve como ser utilizada, e que alguns camarotes foram rapidamente inundados. Arranjar um colete salva-vidas, uma boia ou qualquer coisa que ajudasse a não ser tragado pelas águas era prioridade imediata. Entre os relatos desta experiência, chama a atenção o desespero que tomou conta mesmo daqueles que obtiveram algum tipo de suporte. Foi o que narrou o já citado Adolfo Kern, chefe de máquinas do *Baependy*: “Ficamos lutando, o enfermeiro e eu. Eu estava já perdendo o controle. De fato, enquanto o enfermeiro supunha ver luzes, eu me considerava estar no Chopp da Brahma, e, quando senti a realidade, estava para afrouxar”⁶.

O delírio que quase dominou Kern e seu parceiro de tragédia teve maior sucesso entre outros náufragos. De acordo com Milton Fernandes da Silva, primeiro piloto do *Araraquara*, dois dos três homens que conseguiram juntamente com ele apoio num pedaço de tolda do botequim do navio sucumbiram aos seus próprios desesperos. Depois de horas boiando, lutando com as ondas e no esforço contínuo para não deixar o bote improvisado afundar, Esmerino Elias Siqueira, também integrante da tripulação do *Araraquara*, mostrava-se fora de si:

o moço de bordo pediu café. Percebi que não estava com o juízo perfeito e procurei acalmá-lo, fazendo ver que era impossível aten-

der ao seu pedido. Retorquiu-me que ouvira bater a campã, e, pois, estava na hora de tomar café com pão. Que lhe desse, ao menos, pão com farinha. Molhando a mão na água salgada, passeia-a pela sua cabeça e pedi-lhe que dormisse. Foi tudo inútil. O homem levantou-se e quis agarrar a garganta do tenente, já louco. Então, eu e o maquinista, empregando a força, conseguimos impedir que segurasse o tenente, que se achava inerte. Então, o moço atirou-se ao mar, dirigindo-me, antes, as seguintes palavras: "Já que não me quer dar comida, vou-me embora"⁷.

Siqueira lançou-se ao mar e desapareceu. Pouco depois, outro naufrago, o Segundo Tenente Oswaldo Machado, também perdeu o controle:

"Ergueu-se o tenente e perguntou por um colega: 'Onde está Nelson?' Disse, também, outros nomes, o seu inclusive, que, como já declarei, é Oswaldo Costa. Minutos depois, lançava-se ao mar. Agarrei-o pelas botinas, num grande esforço, e fi-lo voltar para cima da tábua. Censurei o seu procedimento, pedi-lhe que tivesse calma, fiz-lhe ver que um já se fora e não havia necessidade de agravar a situação com a perda de mais um companheiro. Respondeu-me: "Você está é embriagado. Sabe o que mais? Vou para casa". E jogou-se nágua, desta vez sem que eu nada pudesse fazer. Se o tivesse tentado salvar, a tábua teria virado, e morreríamos todos⁸.

Não teria sido, na verdade, um delírio do primeiro piloto? Pouco improvável, pois os nomes dos seus parceiros podem ser conferidos entre os desaparecidos, assim como as suas respectivas ocupações (moço do convés e militar). As narrativas de Milton Fernandes da Silva apenas ajudam a evidenciar o quão desesperadora foi a situação para os naufragos. Nadar em meio aos destroços, ter os olhos agredidos pelo óleo que vazava das embarcações, o corpo supliciado por peixes e águas vivas, além da incerteza

sobre o destino dos entes queridos eram desafios que separavam a vida da morte. Mas os moradores das regiões que receberam as vítimas dos torpedeamentos também viveram um choque. Como lembrou Orlando Ulisses Maia: "Um dia de segunda-feira meu pai estava chegando em casa, era de noite: 'Óia menino, tão botando o navio no fundo aí, tão botando o navio no fundo, vai se acabar o mundo'"⁹.

E se fosse o fim do mundo, ele acabaria com corpos nus, mutilados, corroídos, inchados, parcialmente comidos pelos peixes ou banhados pelo combustível que também manchou as águas, restos de gente que apareciam e chocavam moradores da capital Aracaju, além de Estância e dos povoados Praia do Saco e Porto Mato. Como resultado, o ataque matou tripulantes das embarcações, passageiros militares e civis. A tragédia parecia maior devido às crianças. No caso do *Baependy*, embarcação com maior contingente (323 pessoas), que transportava filhos de oficiais de uma unidade militar, nenhuma escapou com vida¹⁰.

Santos Santana, conhecido cronista sergipano, narrou que "ao amanhecer o dia 20, começaram a chegar às areias das praias os corpos de adultos, tripulantes e passageiros dos navios, além de crianças quase todos filhos dos oficiais do Exército que faziam parte da unidade que estava sendo transportada pelo *Baependy*"¹¹. Outro cronista, Mário Cabral, escreveu sobre o que chamou de página negra do nazismo "na qual houve torpedeamentos dos navios brasileiros, um após outro, em frente ao litoral sergipano, causando a morte de dezenas de crianças, mulheres e homens, cujos corpos davam à praia, dias depois, inchados e corroídos"¹².

NOTÍCIAS DO FIM DO MUNDO

Apesar do horror que tomou conta dos populares, a notícia oficial tardou a chegar. O *Correio de Aracaju*, por exemplo, justificou: "Em vista de necessitar a imprensa de autorização oficial para publicar notícias referentes ao torpedeamento de nossos navios, e porque essa autorização só chegou muito tarde, o 'Correio' não circulou ontem"¹³. Célula do Departamento de Impren-

sa e Propaganda (DIP), órgão considerado um “superministério” de Getúlio Vargas, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (Deip) viu-se obrigado a protelar a notícia, de forma a evitar um pânico maior do que acabou sendo gerado. O Deip, conhecido por inventar explicações, dessa vez demonstrava certa honestidade.

É que bem antes dos torpedeamentos o DIP emitiu diretrizes quanto ao sigilo e à discricção em torno de atividades marítimas ou eventos que pudessem causar alguma perturbação popular. Em 5 de abril 1942 o Diretor Geral do Deip em Sergipe recebeu o seguinte telegrama: “Reiterando instruções anteriores, solicito tomeis providências no sentido de não ser divulgada nenhuma notícia sobre ataque ou afundamento de navios de quaisquer nacionalidades em águas brasileiras. Saudações cordiais. Lourival Fontes”¹⁴. Consequentemente, o esforço silencioso da imprensa local teve que conviver com a correria e as notícias desencontradas que passaram a circular entre os cidadãos.

Mas, apesar das preocupadas diretrizes do DIP, a cidade não estava preparada para tamanha tragédia. E tudo teve que ser improvisado. Na realização das autópsias, é possível identificar entre os registros fotográficos muitos corpos jogados ao chão, evidenciando a precariedade do processo. Os sobreviventes que chegaram a Aracaju foram espalhados pelos hotéis da cidade: Hotel Central, Hotel Rubina, Hotel Marozzi, Avenida Hotel, Hotel Sul Americano, além do Hospital de Cirurgia e das casas de algumas pessoas da cidade.

Mas, afinal, quem eram essas pessoas? O que deixaram para trás? Quais as consequências de suas mortes? Não é fácil encontrar as respostas. Através de diversos registros, como relatórios preparados pelas autoridades sergipanas, telegramas e alguns depoimentos, procuramos produzir um painel menos opaco em relação às narrativas costumeiramente lançadas sobre os “náufragos”. Partindo dos indícios deixados nos registros das autópsias, comparando listagens, analisando periódicos, esboçamos perfis de algumas vítimas dos ataques e procuramos situar as condições em que a tragédia ocorreu.

QUEM ERAM OS NÁUFRAGOS?

Entre os corpos que chegaram às praias sergipanas, alguns deles estavam tão desmontados que se encontraram apenas pedaços: “parte do esqueleto, bacia, coxas e pernas, encontradas no lugar denominado de Coroa do Claudiano”; outros apresentavam tamanha fase de putrefação que, quando finalmente localizados, precisaram ser rapidamente enterrados. Com as vítimas chegaram às praias diversos pertences pessoais, tais como joias, roupas, sapatos, carteiras etc. Estes objetos acabam oferecendo informações sobre os hábitos e situações socioeconômicas dos náufragos.

Um exemplo é o caso de Maria de Lourdes Souza Rangel, passageira do *Araraquara*, com possivelmente 35 anos de idade, que seguia para o Recife. Tudo indica que era professora. Ao menos usava o anel da profissão na mão direita. Desta joia, sabemos que “das pedras que o encravam falta uma pedra safira, que integrava os anéis simbólicos”. Não se sabe se por acaso a pedra foi roubada. Maria de Lourdes talvez possuísse uma boa condição financeira, pois se vestia bem, usando seda, gérsei e relógio de ouro. Cuidava das unhas, que foram descritas como “cuidadosamente manicuradas” pelo legista, e tinha uma boa dentição, sinais de mulher vaidosa. A causa mortis: “asfixia por submersão”¹⁵.

Mas a tragédia também levou homens vaidosos, com suas unhas bem feitas, barbeados e dentes tratados, como é o caso do Segundo-Tenente convocado Noberto Silvio Paiva Anciães, descrito como alguém de “cabelos encaracolados”, com cerca de 40 anos e que usava sapatos de camurça. Além de militares, também foram vitimados homens de negócios, costumeiramente acompanhados dos seus paletós, como Renato Cardoso Mesquita, corretor comercial, com escritório no Recife, no primeiro andar de um prédio na Rua do Livramento (número 72). Mesquita portava “faturas comerciais, recibos e cartão de visita”¹⁶. Porém, ou estas faturas estavam pagas ou o dinheiro que seria utilizado para esse fim foi roubado. Nenhum valor foi registrado como tendo sido encontrado junto ao corpo dele. Situação diferente do relato que

identificou “21\$300 em notas deterioradas pela água e um níquel de 300 reis” entre os pertences de um dos mortos. Alguns cadáveres possuíam relógios de ouro, roupas de marcas conhecidas, gravatas inglesas, sapatos de couro trançado, meias com detalhes de seda e cuecas de cordonê.

Assim como ocorreu com as mulheres, alguns homens apresentavam unhas e dentes bem tratados (há referências a dentições completadas com platina e ouro). Outros, porém, mais simples, aqueles pertencentes às tripulações, foram recorrentemente descritos como pessoas que tinham as “mãos calosas e unhas gastas”¹⁷.

Os vestígios também nos permitem dizer que alguns talvez se conhecessem. É o caso de dois homens que foram encontrados usando um mesmo uniforme branco, possivelmente marinheiros, com um “T” ou âncora bordado. Outros tinham acabado de se casar, como Renato de Oliveira Veiga, encontrado com uma aliança, na qual estava gravada o nome “Zilah”, datada de “22-03-942”, e sepultado pelos populares em Estância. Como os torpedeamentos foram em agosto, havia apenas 5 meses que o moço estava casado.

Também apareceram cadáveres de crianças. Sobre uma delas, baseado na evolução dentária, o legista acreditava que a vítima estava com 2 anos de idade. Foi identificada pelas roupas e pulseira como sendo Noemi, filha do “Subtenente Lins Cavalcante”. A pulseira usada era de fios de prata com uma medalha de santa, indiciando o catolicismo dos seus pais. O Subtenente Lins Cavalcante, a propósito, também foi identificado entre os mortos que chegaram às praias sergipanas. Da família, que rumava para o Recife e de lá, talvez, para Campina Grande, formada pelo militar, sua filha, os filhos Antônio Lins Cavalcante Filho e Hélio Lins Cavalcante, além da esposa Alayde Lins Cavalcante, apenas esta última aparece entre os sobreviventes¹⁸.

O Subtenente Cavalcante, homem de corpo robusto e cabelos negros, já estava com o seu pijama de zerfir na hora do ataque. Morreu afogado mesmo tendo conseguido arranjar um salva-vidas em meio à confusão. E casos como estes, de mortos que chegaram às praias agarrados aos

salva-vidas, não foram incomuns. Há registros (talvez tenha até sido este o caso de Cavalcante) de pessoas que, quase salvas, pularam de volta no mar tentando encontrar entes queridos. Nunca mais voltaram¹⁹.

Ao total identificamos 28 corpos periciados. O que se pode perceber são pessoas comuns, mas também vaidosas, que ao se vestirem bem colocavam no ato de viajar um momento diferenciado das suas vidas cotidianas. Existe, sim, a possibilidade de desfrutarem de excelentes condições financeiras, ao menos em parte dos casos. Todavia, precisamos considerar que elas poderiam também estar vestidas com suas melhores roupas por se preocuparem com a aparência sem serem necessariamente abastadas. Homens e mulheres ricos ou pobres se preocupavam em estar bem apresentados em suas viagens de navios, que não era algo corriqueiro na vida de muitos deles. Portanto, era preciso ficar elegante.

SAQUES

Como se pode observar acima, os objetos pessoais, as vestes, os sinais de crença e amor foram estratégicos para a identificação das vítimas. O colar, a aliança, o cartão preso no bolso, a pulseira ou o fardamento funcionaram como elementos de distinção também na morte. No entanto, sabe-se que esses objetos não serviram apenas para identificação dos corpos. Eles também instigaram a cobiça de alguns. O saque aos mortos, embora combatido e criticado, ocorreu com uma frequência distinta daquela mencionada nos registros oficiais. O caso de Nelson de Rubina, acusado de furtar três anéis de uma mulher chamada Virginia Auto de Andrade, é apontado praticamente como exemplo único.

No processo contra Rubina, instaurado em 1943, o réu foi enquadrado nos artigos 155 e 212 do Código Penal acusado de furto e vilipêndio. Segundo a acusação, “só esse caso se registrou, felizmente, em toda litorânea extensão de Sergipe”²⁰. Mas será mesmo? Provavelmente não. Por exemplo, as joias de Eduardo Alexandre Bauman, um segundo tenente convocado, foram “apreendidas em mãos de um indivíduo” na Barra de

São Cristóvão. Após saquearem o corpo do rapaz de 27 anos, populares enterraram-no em 17 de agosto de 1942. O corpo, quando encontrado pelas autoridades, apresentava “esmagamento parcial de partes moles – dos dedos anular e médio da mão direita e uma contusão da região frontal”²¹. Sua esposa, Eunice Neiva Baumann, sobreviveu. Em 30 de outubro de 1948 é possível encontrá-la envolvida no pedido de emissão de Certidão de Óbito para o falecido marido²².

Portanto, tudo indica que os sergipanos descritos como pacatos, corretos e solidários não encontraram representantes destoaques apenas em Nelson de Rubina, que se aproveitou da situação para aplicar golpes. O moço não foi o único. Porém, prefere-se frequentemente seguir a interpretação oferecida pelas autoridades do período, como aquela que apresenta a acusação feita à Rubina na qual se afirma que: “Governo e povo se juntaram aqui, mais democraticamente ainda, afluindo às praias a fim de levarem aos naufragos o amparo e a proteção do Brasil, e de proporcionarem sepultura aos mortos, com respeito, patriotismo e religiosidade”²³. Os depoimentos de algumas testemunhas, porém, suscitam interpretações dessemelhantes. É o que nos conta, por exemplo, Dona Dedé (Maria Martinha Araújo): “Dinheiro muitos apanharam, moído, era escolhendo as horas pra botar no Sol, quando pôr. E porque a gente via pobre e ficou bem de vida, ficou bem de vida, eles diziam que não foi daquilo não, foi do trabalho, mas todo mundo tava sabendo que foi daquele negócio, daquela miséria que teve”²⁴.

O susto, o assombro, o medo, conviveram com o desejo, a ganância, o senso de oportunidade: “Você sabe o que é a três navios meu irmão? Trazendo aquela mercadoria trazendo gente morto, gente vivo veio pouco, mas gente morto neh? Com dinheiro”, lembrou Demétrio José dos Santos²⁵. Por sua vez, Dona Zuzu (Josefa Queiróz), explicou:

Esse pessoal mais velho que tinha carro de boi, só vi os carros cantar de noite quem tava dormindo só ouvia tanto de carro de noite, carregando coisa da praia. Quando de manhã eu sair daqui de casa eu, meu pai e um vizinho ai nós

fomos, chegemos lá tinha tanta coisa por lá espalhado era lata de manteiga, saco de farinha de trigo, tanto da coisa, fardo de charque, tudo espalho pela praia, deu baleira aqui, deu uma baleira com uma mulé dentro e dois rapaz²⁶.

Aliás, segundo o jornal *A Razão*, o saque realizado por Nelson de Rubina não foi mesmo ato isolado: “os praianos pobres, não todos queremos crer, afluem ao mar para recolher o material que se vai aproximando de terra. Estão se verificando cenas incríveis de furtos na carga dos navios torpedeados”²⁷. Todavia, é preciso destacar que a historiografia pouco explorou estes saques, estas posturas nada elogiáveis diante do horror, mas que envolviam decisões rápidas, que foram realizadas por diferentes segmentos sociais. Não apenas a gente mais simples, a “arraia miúda”, roubou dos mortos. Gente viva, muito viva, situada em posições não tão desprestigiadas assim, se beneficiou nos momentos dos torpedeamentos. Esta é uma história que precisará ser escrita.

SUSPEITAS SOBRE O FIM DO MUNDO

Ao que tudo indica, num primeiro momento, os torpedeamentos trouxeram consequências nefastas ao cotidiano aracajuano devido ao medo, insegurança e revolta que provocaram. Num intervalo de pouquíssimo tempo, a ofensiva havia causado a morte de mais de 600 pessoas. Revoltada, a população exigiu das autoridades vingança aos mortos. Em comunicado oficial, o Governo afirmou:

O inominável atentado contra indefesas unidades da Marinha de um paiz pacifico, cuja a vida se desenrola à margem e distante da guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de direito e humanidade²⁸.

Esse comunicado do DIP indicia o quanto os torpedeamentos foram algo inesperado. As mortes causadas pelos nazistas foram consideradas injustificáveis, devido

ao fato de o Brasil estar aparentemente à margem da guerra. Em Sergipe, antes do ocorrido “a sociedade pareceu esforçar-se de modo a ‘positivar’ o conflito”²⁹:

Aracaju é uma cidade feliz. Pode rir, despreocupada, porque as suas dificuldades, comparadas com a de hespanhoes, tchecos ou tunizianos, não passam de uma simples pedra no sapato, que pode ser tirada a qualquer momento...³⁰

Todavia, o ataque alemão foi mais que o estopim para a entrada do Brasil no conflito. Os torpedeamentos destruíram vidas, sonhos, laços de amizade e familiares. Por seu turno, a declaração de guerra ao Eixo feita por Getúlio Vargas não foi simples resposta de vingança às vítimas, mas compunha o ambicioso projeto de estabelecer um papel de destaque na configuração das relações internacionais do Pós-Guerra.

Como afirmam Frank McCann e Francisco Ferraz, o Chanceler Osvaldo Aranha defendeu junto a Vargas que “os Estados Unidos liderariam o mundo quando a paz fosse restaurada, e seria um erro grave para o Brasil não estar ao lado daquele país. Ambas as nações eram ‘cósmicas e universais’, com futuros continentais e mundiais”³¹.

Mas seria possível explicar os torpedeamentos? Os relatos se acumularam em torno dos ataques daquele mês de agosto de 1942. Informações desencontradas alimentaram desconfiança. Por um lado, um problema no serviço de abastecimento de água destinado às embarcações, ainda em Salvador, despertou suspeitas. O defeito apareceu no dia 14, impedindo assim a saída de navios de Salvador. Apenas no dia 15 pela manhã, em pequenos intervalos, os navios foram liberados na seguinte ordem: 7h – *Baependy*, 11h – *Araraquara*, 12h – *Aníbal Benévolo*, 15h – *Arará*, 17h – *Itagiba* (estes dois últimos rumavam para Santos). A reordenação nas saídas e o problema inesperado levantaram suspeitas sobre a possível ação de “súditos do Eixo” no apoio logístico aos ataques: “Seria necessária a mais ingênua boa vontade, e, mesmo, parcialidade, para, em tal acordo de coincidências, negligenciar a suposição de movimentos combinados do

agressor com informes de terra preciosamente precisos, favorecendo-lhes os intuitos”, afirmou uma publicação dedicada ao relato dos ataques³².

Resultado direto desta situação, os boatos falavam em possíveis ataques aéreos, nos becos e esquinas burburinhos sugeriam a existência de auxiliares eixistas entre os aracajuanos. Alguns estrangeiros ligados ao Eixo e integralistas foram investigados e acusados de serem espiões³³. Suspeitas apareciam a todo o tempo, como o caso dos frades alemães do Convento dos Franciscanos no Bairro Santo Antônio, proprietários do Cine São Francisco. Afirmou-se que durante os blackouts, feixes de luzes, dos projetores cinematográficos, saíram do alto da colina em direção ao mar e que serviram de sinais para os alemães atacarem³⁴. Por outro lado, a materialização do conflito em território sergipano gerou curiosas manifestações no imaginário popular. Uma senhora contou, inclusive, haver mantido contato com os tripulantes de um submarino. Segundo ela, homens haviam saído de uma “embarcação escura” que emergiu nas proximidades do Rio Vasa Barris.³⁵ Reclamavam ter sede e não encontrar água para beber. Os nazistas apareciam em toda parte...

Ao analisar parte da documentação sobre este acontecimento, ao menos aquela acessível nos arquivos sergipanos, percebemos a distância entre os ataques e as suas apropriações por políticos, jornalistas e, *a posteriori*, memorialistas. Concebidos pela *Kriegsmarine* como parte de uma estratégia que visava atingir aos Aliados, comprometendo o abastecimento das nações envolvidas no conflito, os torpedeamentos de 16 e 17 de agosto foram transformados em uma ação arquitetada, em seus mínimos detalhes, para atingir aos navios mercantes que passavam próximo a Sergipe. No entanto, é preciso entender que, como Lembrou Marc Bloch, durante uma parte da Segunda Guerra “os alemães mantiveram o desagradável costume de aparecer exatamente onde não poderiam estar”³⁶. Apesar disso os estudos sobre o tema têm fornecido uma visão demasiadamente local do problema. Contudo, a guerra, com suas desgraças incontáveis, foi mundial.

No que concerne aos registros sobre as vítimas que foram identificadas, evidenciamos a heterogeneidade entre os passageiros e tripulantes dos navios quanto às ocupações, condições socioeconômicas. Através dos vestígios, percebemos também a crueldade do ataque, apreendemos algo do terror dos torpedeamentos. Mergulhados em meio ao fogo, à escuridão e aos gritos, os naufragos tiveram que lutar não só contra o cansaço físico, mas tam-

bém contra os delírios, o estado de choque, a loucura repentina que, nos casos do moço de convés Esmerino Elias Siqueira e do Tenente Oswaldo Machado, parecia redentora. Finalmente, o silêncio persistente sobre os saques e a leitura quase monolítica da sociedade sergipana nos dias dos torpedeamentos exigem pesquisas mais amplas, pede novos mergulhos nos arquivos. É preciso contar o resto da história do fim do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. Aracaju: Liv. Regina, 1955.

CARVALHO, Rubens. *U-507*. Sergipe, 2008. 15min.

COSTA, Anailza Guimarães. Os Torpedeamentos no Litoral de Sergipe em 1942: estrangeiros e integralistas sob suspeitas. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão: 6ª edição. Disponível em: <http://www.getempo.org/index.php/revistas/26-02/artigos/49-os-torpedeamentos-no-litoral-de-sergipe-em-1942-estrangeiros-e-integralistas-sob-suspeitas-por-anailza-guimaraes-costa>. Acesso em: 30/06/ 2012 às 15h34.

GOMES FILHO, Elísio. "U-507: um estudo interpretativo das ações de um submarino alemão nas águas do Brasil". *Navigator*, n.3, v.2, junho 2006.

MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. *Dias de luta: Sergipe na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, São Cristóvão (SE), Campina Grande (PB): Multifoco/EDUFS/EDUFCG, 2011.

MAYNARD, Dilton Candido Santos. *Em tempos de guerra: aspectos do cotidiano em Aracaju durante a segunda guerra mundial (1939 - 1945)*. Relatório Final Pibic. São Cristóvão, 1998.

McCANN, F.D; FERRAZ, Francisco. A participação conjunta de brasileiros e norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. In: *Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI*. Maringá: Eduem, 2011.

MELINS, Murillo. *Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50*. 4ª ed., Aracaju: UNIT, 2007.

SANTANA Santos. "O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe". *Aracaju dos meus amores*. Aracaju: PMA/SEC, 1983.p.81-85. Ver ainda: CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. Aracaju: Liv. Regina, 1955.

WYNNE, J. Pires. *História de Sergipe (1930-1972)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973, v.02.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VINCENT, Gerárd. 1939-45: A Guerra Ditas, Guerras Silenciadas e o enigma identitário. PROST, Antoine, VICENT, Gerárd. *História da Vida Privada, v.5: da Primeira Guerra a nossos dias*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.201-213.

GONÇALVES, Williams. A Segunda Guerra Mundial. In: Jorge FERREIRA, Daniel Aarão REIS FILHO, C. ZENHA. (Orgs.). *O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras*. Civilização Brasileira, 2005.p.165-194.

SCHURSTER, Karl, Silva, Francisco C. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

¹ Este texto resulta de pesquisas realizadas no âmbito do projeto Memórias da Segunda Guerra em Sergipe, apoiado pelos editais 10/2011 (Pronem), da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe, Fapitec, e Edital 07/2011 CNPq.

² WYNNE, J. Pires. *História de Sergipe (1930-1972)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973, v.02, p. 93-94.

³ Milton Fernandes Silva. Depoimento. In: *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. p. 91-92.

⁴ GOMES FILHO, Elísio. "U-507: um estudo interpretativo das ações de um submarino alemão nas águas do Brasil". *Navigator*, n.3, v.2, junho 2006, p. 56-71.

⁵ Eram estes os quantitativos dos ocupantes dos navios: *Aníbal Benévolo*: 154 ocupantes, sendo 71 tripulantes e 83 passageiros; *Arara*: 35 tripulantes; *Araraquara* 146 ocupantes, sendo 73 tripulantes e 73 passageiros; *Baependy*: 323 ocupantes, sendo 73 tripulantes e 250 passageiros; *Itagiba*: 179 ocupantes, sendo 60 tripulantes e 119 passageiros. Cf. *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p.18.

⁶ *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 90.

⁷ Milton Fernandes Silva. Depoimento. In: *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 91-92.

⁸ Milton Fernandes Silva. Depoimento. In: *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 91-92.

⁹ Orlando Ulisses Maia. Depoimento. In: CARVALHO, Rubens. *U-507*. Sergipe, 2008. 15min.

¹⁰ SANTANA Santos. "O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe". *Aracaju dos meus amores*. Aracaju: PMA/SEC, 1983.p.81-85. Ver ainda: CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. Aracaju: Liv. Regina, 1955, p.128.

¹¹ SANTANA, Santos. "O Brasil na Guerra: Tragédia no litoral de Sergipe". *Aracaju dos meus amores*. Aracaju: PMA/SEC, 1983, p. 81-85.

¹² CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. Aracaju: Liv. Regina, 1955, p.128.

¹³ *Correio de Aracaju*. 18 ago.1942.

¹⁴ FONTES, Lourival. *Telegrama*. Rio de Janeiro 5 abril 1942. Arquivo público do Estado de Sergipe. Cx. G7.

¹⁵ Arquivo público do Estado de Sergipe. Doc. 55. Cadáver Nº 01. Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942).

¹⁶ Arquivo público do Estado de Sergipe. Doc. 55. Cadáver Nº 04. Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942).

¹⁷ Arquivo público do Estado de Sergipe. Doc. 55. Cadáver Nº 07. Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942).

¹⁸ Arquivo público do Estado de Sergipe. Relação dos sobreviventes dos navios brasileiros torpedeados por submarinos de nações inimigas. Apes. Doc.56

¹⁹ *AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

²⁰ Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943, p. 127.

²¹ Arquivo público do Estado de Sergipe. Doc. 55. Cadáver Nº 22. Relatório de cadáveres dos torpedeamentos (agosto de 1942).

²² Sobre isto ver: Diário Oficial da União. Seção 1. 17 Nov. 1948, p.17.

²³ Tribunal de Apelação do Estado de Sergipe, 1943.

²⁴ Maria Martinha Araújo. Depoimento. In: CARVALHO, Rubens. *U-507*. Sergipe, 2008. 15min.

²⁵ Demétrio José dos Santos. Depoimento. In: CARVALHO, Rubens. *U-507*. Sergipe, 2008. 15min.

²⁶ Josefa Queiróz. Depoimento. In: CARVALHO, Rubens. *U-507*. Sergipe, 2008. 15min.

²⁷ TRIBUNAL DE APELAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE. Apelação Criminal n.4/1943.

²⁸ COMUNICADO DO DIP. Correio de Aracaju, 18 de agosto de 1942.

²⁹ MAYNARD, Dilton Candido Santos. *Em tempos de guerra: aspectos do cotidiano em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)*. Relatório Final PIBIC. São Cristóvão, 1998, p. 28. Ver ainda: MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. *Dias de luta: Sergipe na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, São Cristóvão (SE), Campina Grande (PB): Multifoco/EDUFS/EDUFCG, 2011.

³⁰ *Folha da Manhã*. Aracaju, 2 de fevereiro de 1939.

³¹ McCANN, F.D; FERRAZ, Francisco. A participação conjunta de brasileiros e norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. In: *Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI*. Maringá: Eduem, 2011, p. 129.

³² Como ocorreram os cinco torpedeamentos. In: *Agressão: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p.18.

³³ COSTA, Anailza Guimarães. Os Torpedeamentos no Litoral de Sergipe em 1942: estrangeiros e integralistas sob suspeitas. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão: 6ª edição. Disponível em: <http://www.getempo.org/index.php/revistas/26-02/artigos/49-os-torpedeamentos-no-litoral-de-sergipe-em-1942-estrangeiros-e-integralistas-sob-suspeitas-por-anailza-guimaraes-costa>. Acesso em: 30/06/ 2012 às 15h34.

³⁴ MELINS, Murillo. *Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50*. 4ª ed, Aracaju: Unit, 2007, p.146.

³⁵ O relato foi feito aos investigadores que cuidaram do inquérito aberto na ocasião do torpedeamento. Cf. *Correio de Aracaju*. Aju.,16 out. 1942,p.02-03.

³⁶ BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.50.